

Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo¹

Felipe de Oliveira²

1. Introdução: a proposta de pesquisa

O jornalismo vive uma crise sem precedentes, desencadeada pela emergência das redes digitais de comunicação³. Uma crise sistêmica⁴, que afeta as estruturas fundantes do campo e cuja superação pode significar novas formas de representação dos acontecimentos na forma da notícia.

Trata-se de uma constatação endossada por opiniões como a do jornalista Ignacio Ramonet (p. 15, 2012), diretor do *Le Monde Diplomatique*, da França, ao definir a crise: “O planeta mídia está sofrendo um traumatismo de amplitude inédita. O impacto do meteorito internet, semelhante àquele que fez desaparecer os dinossauros, tem provocado uma mudança radical de todo o ecossistema midiático”. Começar este relato pela crise do jornalismo não é recurso à retórica. Denota o esforço a que se propõe a pesquisa de doutorado em curso de compreender os limites e as possibilidades de acesso ao espaço público por parte dos movimentos sociais diante deste momento.

Quando do ingresso no curso, em março de 2012, o objetivo geral da pesquisa era compreender os meandros da relação entre o jornalismo e os movimentos de ocupação global. Interesse despertado por fenômenos contemporâneos e novas formas de organização social como o *Occupy Wall Street*, nos Estados, e o *Indignados*, na Espanha – ambos com ecos no Brasil. Interesse que se mantém, ampliado pela percepção, ao longo do período que compreende o ingresso e o estágio atual da investigação, do protagonismo que as redes como forma de organização desses movimentos assume e o impacto desse processo sobre o fazer jornalístico. O debate

¹ Texto apresentado com vistas ao Seminário de Tese do curso de doutorado do PPGCCom da Unisinos, LP2 – Linguagem e Práticas Jornalísticas. Outubro de 2013.

² Felipe Moura de Oliveira é jornalista, mestre em Ciências da Comunicação (Unisinos, 2012) e bolsista de doutorado do CNPq. Cursa graduação em Ciências Sociais na UFRGS. felipecomunica@gmail.com.

³ Adota-se, aqui, a designação *redes digitais de comunicação* para definir o suporte que possibilita a circulação efusiva de mensagens na internet; *redes sociais* para movimentos de utilização do suporte com fins sociais; e *redes*, de forma mais ampla, para a ideia de processos que envolvem, necessariamente, mais de um sujeito, organização ou sistema.

⁴ A perspectiva que ancora a definição da crise do jornalismo como sistêmica neste trabalho tem origem na Semiótica da Cultura; na noção de que diferentes sistemas de produção de sentido interagem e nessa interação configuram-se transformações estruturais, no interior dos sistemas. Ramonet (2012) entende a crise como sistêmica a partir da ideia que não se trata de uma crise cíclica ou de evolução, mas, sim, estrutural; que mexe com parâmetros históricos do jornalismo como campo profissional e prática social.

transcende a academia. Gumersindo Lafuente (2012, p. 212), diretor do jornal espanhol *El País*, em entrevista à professora Beatriz Marocco, revela impressão elucidativa.

Agora, e isto por uma lado é um grande drama, mas, por outro, uma grande oportunidade, perdemos esse monopólio da intermediação. Muita gente está disputando, em alguns casos com vantagem, e isto tem nos obrigado a reinventar o nosso ofício. [...] o jornalismo vai continuar sendo importante, mas na realidade está nas mãos de vocês [pesquisadores], não em outras, fazê-lo necessário e importante.

Mais do que prescrever medidas para a superação da crise, propõe-se compreender as implicações nas práticas jornalísticas: as tensões geradas pelas redes e as consequências desse processo na construção social da realidade, com a ação direta de novos sujeitos coletivos que se constituem na possibilidade de compartilhamentos de sentidos comuns sobre os acontecimentos. Uma discussão que se materializa, por ora, na análise da significação dos acontecimentos suscitados pelos movimentos em rede que foram às ruas no Brasil em 2013, com a adesão de milhões de pessoas com demandas das mais variadas origens.

Metodologia

Para que se possa apreender esses fenômenos e produzir sínteses que contribuam a sua compreensão, a proposta é de imersão em redações de três jornais: um do Brasil, um dos Estados Unidos e um da Espanha. E observar, lançando mão de ferramentas de etnografia como método, como jornalistas tem percebido a crise do jornalismo para, a partir das inferências decorrentes desse exercício, fazer a reflexão sobre a forma como os movimentos de ocupação global acessam o espaço público com base em acontecimentos/mobilizações que são objetos de notícias.

Interessa, em especial, entender as tensões geradas ao jornalismo como mediador do espaço público pela emergência das redes, que passam a protagonizar a própria constituição do acontecimento, e do compartilhamento de sentidos que antes delas não era possível. Neste texto, esta tentativa apoia-se em subsídios de pesquisa exploratória empreendida na redação do jornal *Folha de S. Paulo*, em São Paulo (SP), de 13 a 24 de junho de 2013, período em que as mobilizações sociais foram mais intensas, culminando com o anúncio de medidas de governo concretas.

Durante uma semana, acompanhou-se o trabalho da redação, com o olhar mais atento à editoria de Cotidiano, de modo a perceber movimentos dos profissionais diante

de um ambiente de produção de sentido contemporâneo, composto por novos agentes conectados em plataformas digitais. Parte da observação é descrita neste trabalho.

Inspirações teóricas

Ao dedicar-se à compreensão da significação dos acontecimentos pelo jornalismo, parte-se da linguagem como principal inspiração teórica com base, especialmente, em dois conceitos: a *semiose*, de Charles Sanders Peirce, e a *semiosfera*, de Yuri Lótman. Em diálogo, advoga-se que ambas contribuem à proposição de que há uma crise instaurada no jornalismo como sistema de produção de sentido a partir da interação com as redes sociais, também como sistema; ao mesmo tempo, que contribuem à compreensão da própria crise.

A natureza dos fenômenos protagonizados pelos movimentos de ocupação global e a organização em rede impõem dificuldade para a sua compreensão e consequente enquadramento numa cobertura midiática. A materialidade essencialmente pública e midiática desses fenômenos, constituída nas redes sociais, cuja discursividade é amplamente pluralista e tensa, confronta-se com as formas tradicionais de narrativa do acontecimento empreendidas pelo jornalismo.

Esse processo produz semioses de texturas de natureza explosiva naquilo que o semioticista russo Yuri Lótman (1999) denominou semiosfera (onde a vida ganha sentido). A semiose, da forma como foi proposta por Peirce (2002), é a própria ação do signo: a potencial produção ininterrupta e diversa de sentidos disparada pelos processos de representação dos objetos semióticos. No jornalismo, o acontecimento ocupa o lugar lógico do objeto e sua representação em narrativas como a notícia desencadeiam sentidos através da geração de outros signos instituídos na repercussão das notícias.

O jornalismo organizava a produção dessa representação do acontecimento com base em códigos historicamente convencionados e que agora passam a ser tensionados pela emergência das redes digitais (HENN, 2013). Os usos das redes, que muito rapidamente transcendeu a dimensão de sociabilidade, também a transformaram em lugar privilegiado para a produção e circulação de informações. Essa dinâmica tira do jornalismo seu estatuto de narrador preferencial do acontecimento a partir dos seus enquadramentos característicos e gera semioses difusas, horizontais e não lineares.

Na medida em que o jornalismo começa a narrar os acontecimentos a partir dos seus códigos, o nível de tensionamento aumenta porque a repercussão de coberturas dá-se instantaneamente. O jornalismo perde a primazia da narrativa do cotidiano na medida

em que os acontecimentos desenrolam-se em plataformas que já tem naturezas narrativas e midiáticas e os sentidos ofertados pelo jornalismo são rapidamente confrontados com outros enquadramentos com manifestações múltiplas oriundas de um universo complexo de atores que se interconectam.

Postula-se que o jornalismo esteja sendo tensionado a rever suas práticas, num movimento de concepção dialética, de modo a dar a ver mais da complexidade do cotidiano ao representá-lo na notícia, sob o risco de perder a legitimidade que alcançou ao longo da história (FRANCISCATO, 2005) como mediador que produz certo tipo de conhecimento no espaço público (MEDTISCH, 1997).

2. Movimentos em rede e ocupação do espaço público

Ninguém esperava. Num mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram (CASTELLS, 2013, p. 09).

A citação de Manuel Castells que abre esta seção dá conta de expressar a perplexidade com que campos cuja presença no espaço público é predominante, como o campo político, da comunicação, ou mesmo dos intelectuais, perceberam os movimentos de ocupação global; aqueles que começam com o *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, a *Primavera Árabe*, nos países do Oriente Médio e no Norte da África, ou ainda o *Indignados*, na Espanha, em mobilizações sociais que remontam aos anos de 2010 e 2011, sobretudo.

E as semelhanças com o que o Brasil viu acontecer em junho de 2013 não é coincidência. A forma de organização e mobilização é parecida; tem um elemento constituinte: as redes. “Começou nas redes sociais [...], já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas, que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação [...]”, diz Castells (2013, p. 10). É o entendimento que dá lastro a reflexão que segue, mas que precisa ser cotejado à perspectiva histórica.

A articulação de movimentos em rede não é de hoje. No Brasil, o final da década de 1990 e o início dos anos 2000 são pródigos em exemplos desse tipo de organização: “[...] a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, de Goiânia a Brasília (maio de 2005), foi organizada por articulações de base como a Comissão Pastoral da Terra, [...] MST e por [...] transnacionais, como a Via Campesina” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112).

A compreensão desses movimentos sempre foi a de que o acesso ao espaço público, mediado pelo jornalismo como instituição outorgada socialmente para tanto, dependeu fundamentalmente do recurso a manifestações que contenham, em si, características que atendam ao estatuto do acontecimento jornalístico⁵. Ilse Scherer-Warren (2006, p. 112) já chamava a atenção para esse aspecto, ao falar das mobilizações:

[...] são fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo.

O que é de agora são as redes digitais de comunicação, que possibilitam que esses movimentos articulem-se rapidamente e que sejam capazes de mobilizar pessoas em todo o mundo. É de agora o *Facebook* e o *Twitter*. E o seu uso social é o que determina a possibilidade de ampliação da adesão à manifestações que ocupam a praça pública e que, antes, são articuladas em rede. Stéphane Hessel (2011, p. 25), um dos mentores dos movimentos de ocupação global, defende: “É evidente que, para ser eficiente, é necessário atuar em rede, aproveitar todos os meios de comunicação modernos.”

Aproveitar os meios de comunicação modernos é mais do que utilizar as redes na mobilização e organização dos acontecimentos com vistas ao acesso ao espaço público. É aproveitá-las também como espaço de significação desses acontecimentos, conferindo a eles outros sentidos, para além daqueles dados pelo jornalismo a partir de códigos historicamente convencionados.

Basta uma breve busca no *Facebook* com o termo “Movimento Passe Livre”, ou a sigla “MPL”, para que identifique-se nos acontecimentos registrados recentemente no Brasil indícios da forma de organização dos movimentos em rede. E, assim, o movimento que reivindicava a tarifa-zero no transporte público e melhores condições na prestação do serviço levou mais de um milhão de pessoas às ruas de todo o país nas manifestações do dia 20 de junho de 2013.

⁵ Marcia Benetti (2010, p. 145) explica que: “[...] os índices de notabilidade capazes de chamar a atenção dos sujeitos que escrevem a história – que a percebem e a transformam em narrativa – são, no jornalismo, guiados por critérios que exigem ruptura, repentina ascensão, acidente ou desvio”.

O acontecimento compreendido, aqui, como propulsor de semioses diversas no espaço público brasileiro é a primeira manifestação de grandes proporções organizada pelo MPL em São Paulo (SP), em 11 de junho: aproximadamente 11 mil pessoas foram à Avenida Paulista protestar contra o reajuste da tarifa do transporte público de ônibus, trem e metrô, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, decretado pelo prefeito Fernando Haddad e pelo governador Geraldo Alckmin dias antes. Houve depredação de estações do metrô e de estabelecimentos comerciais.

Na disputa de sentidos que se estabelece em torno do acontecimento, a *Folha de S. Paulo* publica editorial na edição de 13 de junho, dia em que o MPL organizava nova manifestação, intitulado “Retomar a Paulista”⁶, em que defende uma intervenção mais enérgica do Estado, de modo a evitar ações radicais. Resultado: o Governo de São Paulo aciona a Tropa de Choque da Polícia Militar e determina que os manifestantes sejam impedidos de acessar a Paulista. A mobilização começa às 17h. Cerca de 20 mil pessoas saem do Teatro Municipal em direção à avenida, que tem todos os seus acessos bloqueados pela polícia. Com o avanço dos manifestantes, policiais disparam balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo indiscriminadamente entre a multidão, do que decorre centenas de pessoas gravemente feridas; entre elas, jornalistas.

Ainda durante o conflito do dia 13 de junho, mas em maior profusão no dia seguinte, semioses difusas desencadeiam-se nas redes sociais, significando os acontecimentos a partir de um signo marcante: a violência policial. Em solidariedade ao MPL paulista, mobilizações são marcadas, pelo *Facebook*, em inúmeras outras cidades para o dia 17 de junho, quando 70 mil pessoas vão às ruas de São Paulo e mais de 250 mil em todo o Brasil. No dia 20 de junho, o movimento atinge a marca de mais de 1 milhão de pessoas nas praças e avenidas brasileiras – mais de 110 mil só em São Paulo.

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, p. 09-10).

Castells fala, ainda, da caracterização dos movimentos de ocupação global em sentido mais amplo. Poderia, contudo, estar descrevendo as mobilizações brasileiras.

⁶ Publicado pela *Folha de S. Paulo* em 13 de junho de 2013, sob o título “Retomar a Paulista”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>. Acesso: 26 jun 2013.

Das 11 mil pessoas do acontecimento fundante, em São Paulo, aos mais de 1 milhão em todo o país, as demandas se complexificaram: da revogação do aumento da tarifa – decretado também em outras cidades no período – aos gastos com a Copa do Mundo de futebol no Brasil ou o combate à corrupção. E as manifestações articuladas e significadas em rede levam o poder público à ações concretas. No dia 21 de junho, em rede nacional de rádio e televisão, a presidente Dilma Rousseff anuncia uma série de medidas em acordo – ainda que parcialmente – com as reivindicações populares. Antes disso, no dia 19, o prefeito e o governador de São Paulo, Haddad e Alckmin, já haviam anunciado a redução da tarifa do transporte público aos R\$ 3,00 anteriores ao reajuste.

O espaço público, o das praças, das avenidas, tem uma extensão. Um espaço de compartilhamento de sonhos, intenções, como refere Castells (2013), que leva as pessoas, em rede, às ruas. O desafio imposto ao jornalismo como mediador desse espaço público, diante de uma multiplicação de versões, é o de dar a ver da complexidade dos acontecimentos. Um desafio que exige ponderação, de modo que se faça valer a força do melhor argumento sobre os temas atuais.

3. O jornalismo ante a crise

A metodologia adotada para a observação das rotinas de produção na *Folha de S. Paulo* tem inspiração etnográfica e o contato inicial foi com um dos secretários de redação, Vinicius Mota⁷, em fevereiro de 2013, para que a proposta fosse apresentada: sete dias de acompanhamento dos trabalhos, com a atenção especialmente voltada às editorias de Cotidiano e Mundo. O período combinado foi a semana que compreende os dias 17 e 23 de junho de 2013.

Antes da observação, porém, faz-se uma primeira visita à redação, de modo que a dinâmica fosse definida em conjunto com a Secretaria de Redação. Isso ocorre em 14 de junho, sexta-feira. E a chegada à cidade de São é no dia anterior, na quinta, 13, quando o jornal publicara o editorial que incitava medidas mais enérgicas da polícia frente às manifestações, de título “Retomar a Paulista”.

⁷ Apenas este profissional, pela centralidade na negociação para a realização da pesquisa, será identificado. No período da observação ele gozava de férias, não compondo as rotinas observadas. A opção, daqui por diante, é por preservar a identidade dos profissionais, medida de ordem ética, mas que decorre fundamentalmente do propósito da pesquisa: identificar como a emergência das redes incide sobre as práticas jornalísticas; não sobre o trabalho de determinado jornal ou jornalista. E o uso do artigo no masculino não denota hierarquia de gênero.

Na noite de quinta-feira, pode-se acompanhar, na Avenida Paulista, a manifestação que acabou com centenas de pessoas feridas, atingidas por balas de borracha ou sob os efeitos de gás lacrimogêneo. O cenário era de guerra civil. Na edição de 14 de junho, a manchete da *Folha de S. Paulo* diz: “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos”⁸. Uma das fotos de capa mostra uma repórter do próprio jornal ferida por uma bala de borracha.

A violência policial, denunciada instantaneamente durante a manifestação de quinta, dia 13, nas redes sociais, segue com primazia nas edições do fim de semana. A de sábado, 15, mancheteia: “Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político”⁹; a de domingo, 16, diz: “Estreia do Brasil tem vaia a Dilma, feridos e presos”¹⁰, referindo-se ao primeiro jogo da Seleção Brasileira de futebol na Copa das Confederações e a protestos que ocorreram em Brasília, local da partida, contra os gastos públicos no evento e já em solidariedade a São Paulo, em razão da violência policial – acompanha a manchete uma chamada para matéria especial: “A semana em que São Paulo ardeu”, sobre os protestos.

Na segunda-feira, dia 17, começa a observação propriamente dita. Uma breve conversa com um dos profissionais que ocupam cargo relevante na organização da pauta da editoria de Cotidiano já revela indícios sobre como jornalistas percebem as redes sociais. Diz ele: “O Facebook ontem [domingo, dia 16] foi um instrumento de apuração incrível, porque teve protestos [...] no mundo todo”¹¹. E o jornalista vai além: “No início, achávamos que era só mais uma manifestação. Começou pelo aumento das passagens e reuniu pessoas com demandas diversas”. A manchete nesse dia era: “Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje”¹², tratando da organização de ato organizado pelo Movimento Passe Livre pelo *Facebook*.

Os protestos marcados para às 17h de segunda-feira mobilizam praticamente toda a editoria. Às 14h30min, em reunião de orientação da cobertura, um dos profissionais responsáveis pela edição fala, explicitamente, sobre como repórteres devem proceder em relação aos seus perfis nas redes sociais: “O jornal vai voltar a circular aquela orientação [...]. Vocês são representantes do jornal inclusive nas páginas

⁸ Anexo 01.

⁹ Anexo 02.

¹⁰ Anexo 03.

¹¹ Declaração informal concedida ao pesquisador durante a pesquisa exploratória.

¹² Anexo 04.

de vocês. Cuidar pra não comprometer a legitimidade da cobertura”¹³, orienta, denotando a preocupação da *Folha* com as redes como espaço de produção de sentido.

Por fim, na segunda, cita-se a reunião de editores, que ocorre diariamente às 16h. Um dos profissionais que ocupa cargo de direção da redação avalia a crítica que faz a todas as edições a *ombudsman*, Suzana Singer. Ao ler a crítica, o profissional comenta: “Ela diz que a Folha deveria cuidar para não pesar a mão a favor das manifestações; ficamos sem o cidadão contrário”. Ele refere-se à cobertura dos acontecimentos desde sexta-feira, dia 14. O editor de Cotidiano, ao “vender” suas pautas, diz que o foco da cobertura dos protestos será na dimensão ampliada que eles tomarão em todo o Brasil, pelo que pode apurar pelas redes sociais, e nas demandas variadas.

A manchete que estampa a capa de terça-feira, dia 18 é: “Milhares vão às ruas ‘contra tudo’; grupos atingem palácios”¹⁴, em referência às mais de 250 mil pessoas em todo o Brasil – 65 mil em São Paulo –, no que o instituto *DataFolha* diz ser a maior manifestação desde o *Fora Collor*, em 1992. Confirma-se, na edição, o foco anunciado no dia anterior, sobre a dimensão dos protestos e as pautas variadas, que agora transcendem a questão do transporte coletivo, e também a orientação da *ombudsman* para que a posição pró-manifestantes não predomine: os palácios que a manchete cita são prédios públicos com alguma depredação promovida pelos manifestantes.

Já na reunião de pauta da terça-feira, que ocorre todos os dias, às 9h, os protestos voltam a tomar conta da discussão. Em meio ao mais variados “ganchos” propostos, destaque para um: “Quem são os manifestantes?”, pergunta o responsável pela pauta em Cotidiano, em tom de sugestão, tratando do perfil dos participantes dos protestos e citando material que está sendo produzido pela editoria de Mundo, com base em pesquisa acadêmica que revelaria que as manifestações que aconteciam no mesmo período na Turquia tinham características parecidas: jovens de classe média, com acesso à internet e que se organizam pelas redes sociais.

Na reunião de edição, às 16h, a crítica da *ombudsman* é avaliada como positiva, na medida em que elogia a manchete de capa, entendida, desta vez, como menos entusiasta em relação às manifestações, mesmo diante de sua dimensão ampliada, em detrimento dos atos de vandalismo que as compuseram.

Na quarta-feira, dia 19, a manchete, que se refere ao sexto protesto contra a alta da tarifa em São Paulo, ocorrido no dia anterior, com mais de 50 mil pessoas nas ruas,

¹³ Todos os diálogos citados foram observados pelo pesquisador durante a pesquisa exploratória.

¹⁴ Anexo 05.

diz: “Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir”¹⁵. A referência é ao que a reportagem retrata como ação desproporcional da polícia para coibir manifestantes radicais que queimam um carro da *TV Record* em frente à prefeitura, sem sofrer repressão.

Nas primeiras horas da quarta-feira, observa-se na redação um ambiente que indica que o poder público de São Paulo – prefeitura e governo do Estado – cederiam às pressões. Isso porque o profissional responsável pela pauta de Cotidiano comenta com repórteres a repercussão que o tema tem nas redes sociais e os protestos que estão sendo convocados, em eventos criados no *Facebook*, para o dia seguinte – além, é claro, de informações de bastidores que apurou. É representativa, nesse sentido, fala de um dos profissionais da direção da redação a ele: “Tá na cara que a força e a rapidez de mobilização tá calcada nisso [redes sociais]. A maioria fica sabendo por ali [dos protestos], não tá nem aí para o que gente diz. O efeito disso temos que discutir”.

A edição do dia seguinte é toda preparada com foco nas mobilizações que ocorreriam pelo país, quando chega a informação de que o prefeito Fernanda Haddad e o governador Geraldo Alckmin concederiam entrevista coletiva às 18h. Antes, às 16h, a Seleção Brasileira jogava pela Copa das Confederações. No minutos finais do jogo, a redação para e assiste ao último gol da vitória por 2 a 0. Em seguida, para de novo. Desta vez, para ver Haddad e Alckmin, juntos, na televisão, anunciarem a redução da tarifa do transporte público de ônibus, metrô e trens a R\$ 3,00.

A manchete da *Folha de S. Paulo* na quinta-feira, dia 20, é histórica: “Protestos de rua derrubam tarifas”¹⁶. Toda em caixa-alta, em duas linhas e com tamanho de fonte 100. Ao comentá-la, um dos profissionais da direção da redação, na reunião de editores, prevê: “De todas as capas dos protestos [desde sexta, dia 14], essa é a que vai para os livros de história”. Ele cita outras capas importantes, como as do anúncio do Papa Francisco e da reeleição de Barack Obama nos EUA, que ganharam fonte tamanho 110, mas em apenas uma linha.

Na quinta-feira, fruto de mobilizações pelas redes sociais, mais de 1 milhão de pessoas vão as ruas de todo o Brasil, motivadas, também, pela conquista histórica de São Paulo, com pautas que transcendem o transporte público: retomam questões como os gastos com a Copa do Mundo, a corrupção, livre orientação de gênero, aborto. Das mais conservadoras, às mais progressistas.

¹⁵ Anexo 06.

¹⁶ Anexo 07.

A *Folha*, na sexta, dia 21, em edição cujo foco se discutia no dia anterior, nas reuniões de planejamento, que teria que ser sobre a possibilidade de radicalização das manifestações, mancheteia: “Protestos violentos se espalham pelo país e Dilma chama reunião”¹⁷; uma das chamadas de apoio diz: “Segundo assessores, governo federal está ‘perplexo’”. Ainda na sexta-feira, em rede nacional de rádio e televisão, a presidente Dilma Rousseff anuncia um pacote de medidas que visa a atender a alguns dos anseios populares. Projetos como a reforma política, que seria submetida ao Congresso, e o investimento de 100% dos recursos oriundos da exploração de petróleo em educação.

4. Considerações iniciais e perspectivas

De uma observação de sete dias na *Folha de S. Paulo* saem muito mais inferências do que as que se pode trabalhar aqui. O que fica, no entanto, são indícios de que o jornalismo tem sido intimamente afetado pela emergência das redes nos processos de significação dos acontecimentos. E disso decorrem algumas considerações.

A primeira delas diz respeito a possibilidade de revisão das práticas, historicamente convencionadas pelo campo, que cerceiam o *poder hermenêutico* que o acontecimento carrega (QUÉRÉ, 2005), capaz de revelar campos problemáticos e fazê-los debater. Percebe-se, nos processos sociais descritos, uma capacidade inédita de agendamento do jornalismo, ao passo que a *Folha* dedica-se quase que exclusivamente a essa pauta na semana que compôs a pesquisa exploratória. E a própria significação dos acontecimentos transforma-se, como no caso da violência policial como signo das primeiras manifestações: as semioses que esse signo disparou levaram milhões às ruas obrigando governos municipal, estadual e federal a adotarem medidas concretas. São indícios de que a mobilização em rede e suas próprias formas de narrar podem dar a ver mais da complexidade do cotidiano.

Por outro lado, mesmo diante de uma semiosfera contemporânea complexa, na qual se desenrolam complexas semioses que conferem sentidos aos acontecimentos, o enquadramento que o jornalismo aplica tende à perpetuar valores do ideário dominante que permeiam a memória coletiva (HENN, 2008), como na tentativa da *Folha*, em meio às denúncias de abuso policial que circulavam nas redes, de significar o movimento que

¹⁷ Anexo 08.

foi às ruas a partir de signos que representam a desordem – nas críticas da *ombudsman* à cobertura inicial, que privilegiava esse aspecto¹⁸.

No andamento do curso de doutorado que é objeto de relato aqui, o que já se fez foi testar a proposta de perspectiva teórica, num movimento de ida ao campo. Uma tentativa de alcançar a proposta da professora Christa Berger (2010, p. 24-25):

Aprofundar o diálogo entre a prática jornalística e o conhecimento sobre o jornalismo é buscar formas de estabelecer diálogos [...] menos dissonantes entre o saber e o fazer na esperança de que o jornalismo possa, ao informar sobre a realidade, contribuir para o esclarecimento do mundo.

E este movimento deve intensificar-se em 2014, com estágio doutoral no exterior, a realizar-se nos Estados Unidos, onde pretende-se aliar o refinamento das perspectivas teóricas ao trabalho de campo que se fará na redação de um jornal estadunidense – exercício previsto também para a Espanha, no primeiro semestre de 2015. Ainda que possam soar como definitivas por conta do protocolo que se exige de um texto como este, as inferências até aqui produzidas pretendem-se a premissas para as próximas etapas – e certamente serão mais aprofundadas no texto apresentado como relatório de qualificação, ainda em 2013.

À guisa de conclusão, defende-se que o momento histórico favorece a uma revisão dialética das práticas, mantendo-se o que constituiu o jornalismo como mediador do espaço público, mas avançando, a partir do que as redes, como outro sistema de produção de sentido, ao tensioná-lo, expõem das suas fragilidades. Na interação entre esses dois sistemas, no âmago da crise, pode haver espaço para que o jornalismo admita sua função mediadora na construção social da realidade, da qual resulta certo tipo de conhecimento específico.

É preciso, porém, superar uma prática que produz o que Fernando Resende (2002) chama de *texto cego*; deixar que o conflito que cerca os acontecimentos transpareça como parte dos sentidos que lhes são atribuídos.

¹⁸ Ao pesquisar a produção da notícia sobre movimentos sociais, identificou-se (OLIVEIRA, 2012) quatro categorias de legi-signos (signos que tem natureza de uma lei), em Peirce (2002), na forma como o jornalismo os representa: 1) do neoliberalismo como ambiente semiótico; 2) do jornalismo como sistema de produção de sentido; 3) dos jornais como empresas de comunicação; 4) dos jornalistas como operadores sígnicos.

Referências

- BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, M; FONSECA, V. **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. P.p. 143-164.
- BERGER, Christa. O conhecimento do jornalismo no círculo hermenêutico. **BrazilianJournalismResearch**, vol6, n 2, p 17-25, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Zahar, 2013. Prova não revisada.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- HENN, Ronaldo. O jornalismo como semiótica a realidade social. **XVII Encontro Anual da Compós**. São Paulo: Unip, 2008.
- _____. Apontamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Tood. **XXII Encontro Anual da Compós**. Salvador: UFBA, 2013.
- HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos**. São Paulo: Leya, 2011.
- LÓTMAN, Yuri. **Cultura y explosión, Lo previsible en los procesos de cambio social**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999.
- LAFUENTE, Gumersindo. A melhor maneira de fazer jornalismo é pela internet: entrevista com Gumersindo Lafuente Parte 1. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012, p. 211-218.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso: 18 jul 2012.
- OLIVEIRA, Felipe de. **Produção da notícia e movimentos sociais: processos de produção no Jornalismo**. 2012. 286f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012c.
- PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.
- QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.
- RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo**. Das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- RESENDE, Fernando. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico**. 2002. 239f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2002.
- SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Revista Sociedade e Estado, UNB, V. 21, n. 1, 2006, P. 109-130.

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 2013

Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos

NO AFÍ KTO CONTRA TAXIJA, PM CERCA MANIFESTANTES E USA TÁJAS DE BORDONA E BOMBAS DE GÁS * DEZENAS DE PESSOAS FICAM FERIDAS E 700 SÃO DETIDAS * FUGAZES CRITICAM CHIMPONAZÃO



Polícia cercou manifestantes durante o protesto contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo.

A Polícia Militar reagiu com violência a um protesto contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo, restando dezenas de feridos e 700 presos. A noite foi marcada por caos e violência, com a polícia usando gás lacrimogêneo e bombas de água para dispersar os manifestantes. O protesto começou no centro da cidade e se espalhou para outras áreas, com a polícia cercando os locais e usando táticas de choque para conter a multidão.

Perceberá está impedido de fazer comércio internacional

Um projeto de lei do Senado prevê a proibição de comércio internacional para quem não tiver o registro de identidade funcional. A medida visa garantir a segurança das transações comerciais e evitar fraudes.

ELA afirma que Síria usou armas químicas contra rebeldes

A presidente da Assembleia Nacional Constituinte da Síria afirmou que o regime de Bashar al-Assad usou armas químicas contra os rebeldes durante o conflito civil. Ela acusou o governo de cometer crimes contra a humanidade.



Um jornalista da Folha de São Paulo durante o protesto.

Distúrbios começaram com ação da Tropa de Choque

Os distúrbios começaram quando a Tropa de Choque da Polícia Militar iniciou uma operação de limpeza urbana. Os manifestantes reagiram à ação, acusando a polícia de violência e abuso de poder.

Jornalistas da Folha foram alvo de PM; sete são atingidos

Sete jornalistas da Folha de São Paulo foram atingidos por gás lacrimogêneo durante o protesto. A polícia alega que eles estavam muito próximos da linha de frente.

Democracia já permitiu aprender a conviver com manifestações

Um artigo de opinião defende que a democracia já permitiu aprender a conviver com manifestações pacíficas. O autor argumenta que a liberdade de expressão é essencial para a saúde de uma sociedade democrática.

NOTÍCIAS	OPINIÃO	ESPORTES	TECNOLOGIA
Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos	Democracia já permitiu aprender a conviver com manifestações	Brasil se prepara para Copa do Mundo	Novos smartphones lançados

FIAT ABARTH 500
 MAIS POTÊNCIA E MAIS ESPACIOSO QUE UNO E UNO XEVO

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 10 DE JUNHO DE 2013 | R\$ 2,50

Justiça libera Petrobras para fazer comércio internacional

A Justiça Federal de Curitiba decidiu que Petrobras pode fazer comércio internacional...

Moderado lidera eleição no PS e ganha ampla vantagem

O moderado do Instituto de Estudos Sociais e Políticos liderou a eleição...

Para PM, fim de governo dos EUA é leve e emergencial

Para o governador Alckmin, o fim do governo dos Estados Unidos...

Alckmin defende PM e diz que protesto tem viés político

Haddad reafirma que não reduzirá tarifa de ônibus e marca reunião com líderes das manifestações



Protesto durante as manifestações, no centro de São Paulo, em 10 de junho de 2013.

Um dia após a Polícia Militar reagir com força...

A defesa do governador...

ANALISE VERA MAGALHÃES

Não há vencedores políticos depois de batalha campal

A defesa do governador...

O governador...

Polícia Militar só reagiu a ataque, afirma comandante

O comandante geral da Polícia Militar...

AGORA É PRA VALER
País e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial

BRASIL 2014 • Junho

ESPANHA 2014 • Julho

AGORA É PRA VALER
País e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial

FOLHA NA COPA

AGORA É PRA VALER

País e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial

BRASIL 2014 • Junho

ESPANHA 2014 • Julho

AGORA É PRA VALER
País e seleção estreiam hoje no torneio-teste para o Mundial

Avaliação do transporte de São Paulo é a pior da história

O presidente...

Ladrões assaltam casa de sobrinho do governador de SP

A casa de um sobrinho do governador...

ELANTRA 2.0

1.800 km/l

150 km/h

1.800 km/l

150 km/h

1.800 km/l

150 km/h

FOLHA DE S. PAULO

19 de maio de 2013 | 1ª edição | R\$ 1,50 | www.folha.com.br



Governo de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje

Tropa de Choque não será acionada caso protesto da UFMG seja pacífico, diz secretário da Segurança Fernando Costa

Na sequência de uma reunião com representantes do movimento de manifestantes de São Paulo, o governador do Estado, Fernando Costa, anunciou hoje que o governo de São Paulo não acionará a Tropa de Choque caso o protesto da UFMG seja pacífico. O secretário da Segurança, Fernando Costa, afirmou que o governo de São Paulo não acionará a Tropa de Choque caso o protesto da UFMG seja pacífico. O governador do Estado, Fernando Costa, anunciou hoje que o governo de São Paulo não acionará a Tropa de Choque caso o protesto da UFMG seja pacífico.

Alma costeira discute após excober mistas de seus seguidores

Alma costeira discute após excober mistas de seus seguidores



Populistas recebem o governo da presidente em suas páginas

Populistas recebem o governo da presidente em suas páginas

Populistas recebem o governo da presidente em suas páginas



Ministro desuso eleitoral de anos 1970 afirma falha trancado

Ministro desuso eleitoral de anos 1970 afirma falha trancado

Taciano presenciar chegada de ônibus de ônibus em SP

FOLIAINVEST
Títulos do Tesouro Direto voltam a vender acima de dois dígitos

TEC
Falta de lei para internet amplia desigualdade A desigualdade na SIA

ILUSTRADA
Rastreamento de Tótem Nacional: 5 em 100 não sabem o nome do Tótem

Warner e Farinella ganham a volta de Tatiana Belinky

Pais de criança com autismo seguem diferentes rotas

Desigualdade no país se deve aos atrasos em educação

POLÍCIA DA COISA
Especialistas do Tático enfrentam o crime organizado

RECEITA DA COISA
Especialistas do Tático enfrentam o crime organizado

RECEITA DA COISA
Especialistas do Tático enfrentam o crime organizado

FOLHA DE S. PAULO

EM TIRADA E VENTURA DO ANO

QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2013

Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir

Manifestação começa pacífica, com mais de 50 mil pessoas na praça da Sé, mas grupos levam caos à região central

PREVISTO NAS INDIVISIBILIDADES

PROTESTO (em %)

2012	2013
15	25

COMUNICADO NACIONAL

2012	2013
10	20



Manifestantes saqueiam um comércio em grandes lojas próximas ao comércio de rua da Prefeitura de São Paulo.




Mar de pessoas é formada em frente à sede da governadora paulista, acompanhando a rede TV segundo as câmeras de circuito fechado.

Descrença de paulistano na política cresce, diz Datafolha

A descrença na política entre os paulistanos do estado de São Paulo é a maior desde 2007, segundo pesquisa Datafolha realizada ontem. Os paulistas estão cada vez mais descrentes na política nacional, segundo Datafolha. A pesquisa foi feita entre 15 e 17 de junho, com 1.000 pessoas em São Paulo. Segundo a pesquisa, 54% dos paulistas acreditam que a política nacional é corrupta, o que representa um aumento de 10 pontos percentuais em relação a 2012.

Estão entrando, diz assessora de Haddad no ataque

"Estão entrando, estão entrando", repetiu a assessora de Haddad enquanto os manifestantes invadiam lojas e saqueavam. Segundo a assessora, os manifestantes estavam entrando em lojas e saqueando produtos. Ela também afirmou que os manifestantes estavam entrando em lojas e saqueando produtos.

NOTÍCIAS

Atos em SP
Manifestação pacífica ganha força em São Paulo e São José do Rio Preto.

Manifesto em SP
Manifestantes saqueiam lojas em São Paulo.

PM não age
Polícia não consegue controlar a multidão.

PM não age
Polícia não consegue controlar a multidão.



Mar de pessoas, de alunos, 50 mil pessoas se reúnem na praça da Sé em São Paulo.



Tucson PRO

A MELHOR COMPRA E O MAIOR ESPAÇO INTERNO DA CATEGORIA.

FIAT FINANCIARIA

WELLESBY

FOLHA DE S. PAULO

Quarta-Feira, 20 de Junho de 2012



PROTESTOS DE RUA DERRUBAM TARIFAS

APÓS 13 DIAS, MANIFESTAÇÕES FORÇAM GOVERNOS DE SP E RIO A CANCELAR O REAJUSTE DOS TRANSPORTES. ALCANTARA (PSDB), HADDAD (PT) E PAES (PMDB) AFIRMAM QUE REDUÇÃO COMPROMETERÁ INVESTIMENTOS

Políticos **Carlinhos**
 Negociação e esta
 27 de maio de 2012

Carlinhos
 PC, PSDB e PMDB
 pedem 1º mandato
 de governo continua
 27 de maio de 2012

Carlinhos
 Capetinha, Alencar e
 outros de oposição
 pedem 2º mandato
 27 de maio de 2012

Carlinhos
 Capetinha, Alencar e
 outros de oposição
 pedem 2º mandato
 27 de maio de 2012

Carlinhos
 Capetinha, Alencar e
 outros de oposição
 pedem 2º mandato
 27 de maio de 2012



Após 13 dias de protestos em quarentenas de ruas em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, os governos de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba concordaram em cancelar o reajuste das tarifas dos transportes. Protestos em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba forçaram os governos a cancelar o reajuste das tarifas dos transportes. Protestos em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba forçaram os governos a cancelar o reajuste das tarifas dos transportes.

Em São Paulo, o reajuste das tarifas de ônibus, metrô e trem variou de R\$ 2,71 para R\$ 3,14. A parte de oposição à medida foi composta por ex-governadores do Rio de Janeiro (PT) e Eduardo Paes (PMDB- RJ). A oposição que a medida forçará cortes de investimentos públicos.

Em São Paulo, o reajuste das tarifas de ônibus, metrô e trem variou de R\$ 2,71 para R\$ 3,14. A parte de oposição à medida foi composta por ex-governadores do Rio de Janeiro (PT) e Eduardo Paes (PMDB- RJ). A oposição que a medida forçará cortes de investimentos públicos.

Após 13 dias de protestos em quarentenas de ruas em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, os governos de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba concordaram em cancelar o reajuste das tarifas dos transportes. Protestos em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba forçaram os governos a cancelar o reajuste das tarifas dos transportes.

Pierre, 20, aluno de arquitetura, atacou prefeitura

Pierre de Oliveira, 20, um dos participantes das manifestações, se manifestou contra o reajuste das tarifas dos transportes. Ele afirmou que o reajuste de R\$ 0,43 é absurdo e que ele não vai pagar mais nada. Ele também afirmou que o reajuste é uma afronta aos cidadãos e que ele não vai pagar mais nada.

Movimento Passe Livre agora quer transporte gratuito

O Movimento Passe Livre (MPL) agora quer o transporte gratuito. O movimento afirma que o transporte público é um direito de todos e que o governo deve garantir o acesso a todos os cidadãos. O movimento também afirma que o transporte gratuito é a única maneira de garantir a sustentabilidade do sistema de transporte público.

ELANTRA 2012
 O novo Elantra 2012 chegou com o design mais moderno e tecnológico. Com o novo motor 1.8 e 2.0, o Elantra 2012 oferece o melhor desempenho e economia. O novo Elantra 2012 chegou com o design mais moderno e tecnológico. Com o novo motor 1.8 e 2.0, o Elantra 2012 oferece o melhor desempenho e economia.

